

e *refendimento* — ação de refender; trabalho de escultura em alto relevo. Reler Maurício Tragtenberg, passados vinte e poucos anos, é como reanimar o ato do escultor que faz brotar da matéria bruta da história a interpretação aguda de que as idéias e as organizações podem encobrir e inculcar como verdades, aparentemente, naturais.

A obra em tela mantém a contundência e a força da primeira leitura.

Tragtenberg, que logo após a eleição de Erundina de Souza, em 1988, para prefeita de São Paulo, escreveu o texto crítico “A estrela branca e a estrela vermelha”, salvo engano, inédito até hoje, em que analisara o possível destino trágico do PT, num tempo em que grande parte da esquerda e da *intelligenza* nacional, esforçava-se para projetar um futuro promissor e vitorioso para o partido. Se vivo fosse, frente ao *pastiche* político atual provocado pelo mesmo partido, não conteria as gargalhadas e a tristeza. *Pequeno e estranho é o mundo da política!*

## da desobediência como prática política | acácio augusto

Iza Salles. *Um cadáver ao sol. A história do operário brasileiro que desafiou Moscou e o PCB*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, 221 pp.

Antonio Bernardo Canellas desde muito jovem se envolveu com as lutas operárias no Brasil. Aos dezessete anos, trabalhando como tipógrafo linotipista, participava

\*Estudantes de Ciências Sociais na PUC/SP, integrante do Nu-Sol e bolsista CNPq.

da produção de jornais que tinham como objetivo dar vazão às lutas empreendidas pelos trabalhadores, rivalizar com a imprensa burguesa, explicitar os usos e abusos das autoridades policiais locais e, em um momento específico, ironizar a participação do Brasil na I Guerra Mundial com uma campanha com contra a guerra, as armas e o nacionalismo. Isto lhe rendeu sérios problemas com as autoridades, mas também, ótimas piadas sobre Olavo Bilac.

Foi andando com os anarquistas, nesta época, que Canellas talvez tenha sedimentado o que seguramente foi seu principal aprendizado político, a desobediência, prática que, mais tarde, exercita em meio a IV Internacional Comunista (1922) diante de uma das mais aclamadas autoridades internacional do comunismo na época, Leon Trotsky.

É da vida deste anarquista, convertido ao comunismo pela euforia causada com a revolução russa em alguns militantes do movimento operário brasileiro, que trata o livro da jornalista e ex-militante da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), Iza Salles. Não se trata de exatamente uma biografia de Canellas — que vai a Moscou aos 24 anos —, mas de sua atitude corajosa diante da ditadura de Lenin, que na época era aclamada pelos comunistas do mundo, não sendo alvo de uma crítica sequer proveniente dos meios revolucionários, salvo a contumaz crítica dos anarquistas e de alguns poucos comunistas revolucionários, não menos corajosos que Canellas, como Rosa Luxemburgo, que o centralismo democrático não suportava.

Salles tomou conhecimento da história de Canellas no começo da década de 1980 enquanto se encontrava exilada na Itália. Indica, quase de maneira despercebida na abertura do livro, que refazer a história de Canellas e de sua ida à IV Internacional Comunista seria uma outra

maneira de refletir sobre sua própria experiência como militante de esquerda durante a ditadura militar de 1964 no Brasil. Escreve, então, um livro-carta a um amigo distante questionando-o de como ele não havia percebido antes que seu entusiasmo pelo bolchevismo acabaria em um processo de perseguição, logo ele que havia se formado um socialista em meio às experiências libertárias no Brasil.

Para mostrar isso a Canellas, ou para qualquer outro que ainda veja no stalinismo uma distorção abjeta do bolchevismo ou marxismo-leninismo, Salles dedica-se na primeira parte do livro a fazer um relato histórico das divergências entre anarquistas e comunistas nos meios operários. Nas críticas de Bakunin a Marx no interior da I Internacional dos Trabalhadores (AIT), vê o prelúdio do que seria mais tarde a revolução bolchevista conduzida por Lênin e Trotsky. Sublinha a pequena influência das idéias de Marx e Engels entre os operários europeus até 1872, de maneira que só após o malogro da Comuna de Paris (1871) que ganha vulto a tese — de influência blanquista — de ditadura do proletariado defendida pelos dois no Manifesto Comunista (1848).

O livro é resultado de uma pesquisa cuidadosa e rigorosa realizada por Salles no Brasil, na Itália e na França durante dez anos. Após rescrever, brevemente, a história do conflito na AIT — tema de numerosos volumes de história, sociologia e política — a autora refaz o quadro das lutas operárias vividas no Brasil do começo do século XX para introduzir a singular história de Canellas. O nome do quinto capítulo já indica qual foi o erro deste militante operário, *Uma idéia fixa*. O que levou Canellas a se converter ao comunismo foi sua sensibilidade ao que se chamava na época de questão social. Isto o impeliu a acreditar que só uma revolução seria capaz de resolver essa questão de uma vez por todas, e ao ter notícias de que os russos

havia saído vitoriosos de uma *verdadeira revolução proletária* acreditou que só o bolchevismo seria capaz de realizar sua idéia fixa de emancipação humana.

Mas Canellas se mantém em estado de revolta. É o que permite a autora sustentar que apesar de convertido ao comunismo ele ainda é, em sua atitude, um anarquista. Em sua volta ao Brasil traz informações sobre o congresso: suas divergências com o Comitê Central, sua indolência diante de Trotsky (“Um aparte, camarada Trotsky”) em relação à problemática questão do PC francês e sua briga com os companheiros argentinos. Seus companheiros no Brasil, especialmente o amigo Astrojildo Pereira, ao verem que a postura de Canellas acarretaria a não inclusão do PCB como seção brasileira da Internacional Comunista, apressaram-se em atacá-lo e a reconhecer todas as represálias e entraves burocráticos sofridos por Canellas em Moscou como necessários.

A partir daí o PCB derrama sobre Bernardo todo palavrório constituído pelas ciências humanas acerca dos anarquistas e incorporado pelo discurso marxista: louco, doente, intempestivo, pequeno burguês, individualista, megalomaniaco, histérico, indolente, etc, etc e etc. Palavras que são usadas largamente no livro-relatório escrito pelo PCB (de provável autoria de Astrojildo Pereira e Octávio Brandão), que parte do princípio que Canellas é um cadáver a ser dissecado neste relatório que lançando mão da clássica pretensão das ciências humanas em querer ter estatuto de ciências biológicas. Este relatório-dissecamento é o coroamento de uma série de perseguições que Canellas sofreu por parte dos seus ex-camaradas. Sua situação agravou-se a partir da declaração do estado de sítio proclamado pelo governo Artur Bernardes, que lhe rendeu noventa dias de prisão sem o menor apoio dos PCB e sob temor

de ser enviado ao campo de concentração de Clevelândia do Norte no Acre.

Uma história como de Canellas mostra a que ponto pode chegar homens possuídos por uma idéia: tornam-se serviçais encarniçados de um ideal que pretende ser tudo em tudo. Este o traço marcante das revoluções e dos revolucionários do século XX que afoga a atitude corajosa do homem revoltado — como nos mostrou Camus seguindo as reflexões da filosofia de Max Stirner e da literatura de Dostoievski — também foi a marca dos perseguidores de Canellas, este homem em estado de revolta.

Desta maneira, é possível notar, ao acompanhar a trajetória de Canellas, que a atitude diante de uma situação limite possui uma potência desestabilizadora muito maior do que a identidade política apresentada por quem fala. Em situações como as vividas por Canellas, o que está em jogo não é expressão de um estado civil ou de um estatuto político, mas joga-se com a capacidade de agir com coragem diante de uma tentativa de ser subjugado.

Salles escreve que Canellas, desde de muito jovem, possuía uma franqueza que beirava a ingenuidade. Seria mesmo ingenuidade? Comunista ou anarquista ele não queria era fazer parte da “tribo do nhô-sim”, da qual fazia parte, segundo seu humor contumaz, seus ex-camaradas de partido a dizer *sim senhor* para todas as resoluções vindas de Moscou.

Canellas lança mão de um pressuposto de isonomia entre socialistas (camaradas), que é interpretado como traição pelos companheiros de PC e por Moscou, como recurso para se manter fora desta tribo e poder falar livremente. Nisto não havia ingenuidade, havia clareza de uma postura que Canellas seguramente apren-

deu quando ainda andava entre os anarquistas: a certeza de que mesmo vivendo ainda sob a idéia fixa da utopia de uma emancipação humana, esta realização nunca será possível sem uma prática de liberdade no presente que implica, sobretudo, falar livremente. Canellas sabia disso, e expressa-a nesta passagem em que comenta sua situação no interior da internacional: “Como minha posição moral não dependia da Internacional e nem minha situação material de cargos no partido e, desta forma, me encontrava numa situação privilegiada de independência, pude enfrentar a hostilidade dos bem-aventurados seguidores do pensamento oficial, que existem em todos os lugares e todas as eras” (p.128).

Passado o problema com o PCB, Canellas funda um novo jornal onde continua a expressar as idéias que lhe são de acordo até sua morte. Atrojildo Pereira, morre na miséria, no ostracismo político e mendigando, sem sucesso, um cargo qualquer na burocracia do Partido. Octavio Brandão — seu outro perseguidor no Brasil e relator de sua expulsão — após uma saída breve do PCB, para fundar a União Democrática Nacional (UDN), faz a autocritica de acordo com as ordens de Moscou, e volta ao PCB para logo em seguida ser atropelado por Luís Carlos Prestes e cair, também, no ostracismo político.

A coragem decidida de Canellas que o levou a ser visto como um traidor do Partido nunca lhe rendeu dividendos, tampouco o levou ao caminho político de realização da sociedade ideal. No entanto, ela possibilitou a experiência de uma ação política livre independente. Este livro sobre Canellas afirma que a desobediência é um acontecimento surpreendente em qualquer situação, provocando fissuras irreparáveis, e, por isso, insuportável para chefetes de direita e de esquerda.